

# A ÉPICA E O PASTORIL: A ÉCLOGA IV DE VIRGILIO E OS LUSÍADAS DE LUIS DE CAMÕES

Anamaria Filizola \*

*A epopéia é o sintoma da imperfeição de Deus: alguma coisa lhe resiste e o todo se deixa contar. Mesmo o Deus do Gênesis mostraria sua fraqueza, criando o mundo em seis dias, em vez de fazê-lo sem duração num instante, num só momento. Em conclusão, desde que há narrativa, há deuses "fracos", de poder medido, múltiplo e relativo. Giulia Sissa e Marcel Detienne, Os deuses gregos.*

*Nas vésperas da batalha de Actium, os soldados de Antônio escutam um rumor estranho. Os deuses do amante de Cleópatra transportavam os seus altares para o campo de Octávio e com eles o mundo mudava de face. Quando Camões entoou o nosso canto imperial nós ouvimos o mesmo rumor dos deuses que nos estão abandonando. O seu Poema é uma encenação "retro", um acto de magia para os convencer a regressar ao lar abandonado. Marte é, como o seu evocador, um antigo combatente vivendo das recordações e das sobras gloriosas de um Oriente onde reina sem partilha a Vênus triste. Embora divinos, são, como o poeta e nós, os reformados da História. Que milagre lhes poderá conferir a aura adolescente dos tempos em que um fazia estremecer o cristalino solo dos deuses com o conto do seu bastão e a outra, voando de céu em céu vestida de si mesma, enamorava o sol e as estrelas? Apenas o da Memória, musa de todas as musas, único espaço iluminado que o engenho e a arte podem subtrair ao Tempo 'que tudo desbarata'.*

*Eduardo Lourenço, A amorosa iniciação, in: Poesia e metafísica - Camões, Antero, Pessoa.*

## 1. À Guisa de Introdução

O princípio renascentista da imitação de modelos aliado à erudição do Poeta faz do texto camonianiano, em especial o épico, um tecido cujas malhas permitem entrever marcas mais ou menos explícitas de outros textos, próprios e alheios.

Percebe-se o conhecimento de correntes filosóficas, como a neoplatônica, e a aristotélica, entre outras, assim como a influência petrarquista/petrarquizante ao longo de sua obra lírica; no Canto I d'Os *Lusíadas*

\* Universidade Federal do Paraná

o Poeta nomeia vários autores de poemas clássicos e renascentistas, assim como seus heróis e feitos, para convencer ao rei do maior valor de seu próprio canto, por ser verdadeira e não fabulosa, a matéria épica cantada por ele.

Entre esses autores está Virgílio, referido como autor de *Eneida*, epopéia do império romano, com a qual *Os Lusíadas* certamente dialoga, mas neste trabalho gostaria de ressaltar a relação entre a *Écloga IV* do mantuano e a epopéia lusíada, apontando para outros vieses interpretativos.

## 2. A ÉCLOGA IV - MITO & HISTÓRIA

Antes não estivesse eu entre os homens da quinta raça,  
mais cedo morrido ou nascido depois.  
Pois agora é a raça de ferro e nunca durante o dia  
cessarão de labutar e penar e nem à noite de se  
destruir, e árduas angústias os deuses lhes darão.  
HESÍODO, *Os trabalhos e os dias*, vv. 174-178.

Vê como, com os séculos por vir, tudo se alegra.  
A última parte desta vida seja-me tão longa,  
que para dizer os feitos não me falte alento!  
O trácio Orfeu não poderá vencer-me nestes cantos,  
nem Lino, ainda que a Orfeu a mãe Caliope socorra  
e por seu turno a Lino dê assistência o belo Apolo.  
Se competir comigo o próprio Pã, por juiz a Arcádia,  
dar-se-á por vencido o próprio Pã, por juiz a Arcádia.  
VIRGÍLIO, *ÉCLOGA IV* vv.52-59.

A *Écloga IV*<sup>1</sup>, também chamada Pólio, tem a peculiaridade de, como num poema épico, celebrar Pólio (Gaius Asimus Pollio - 76 a.C. - 5 d.C.)<sup>2</sup>,

1 Segundo o *Dicionário Oxford de literatura clássica*, Virgílio (Publius Vergilius Maro, 70-19 a.C.) "educou-se em Cremona e Mediolanum e mais tarde estudou filosofia, retórica e outros assuntos mais elevados em Roma; (...) O poeta voltou então a uma vida de estudo e meditação em sua fazenda mantuana, e iniciou a composição das *Éclogas* em 42 a.C. (...)” pp. 514-515. "*Éclogas* é a primeira obra divulgada do poeta, coleção de dez poemas curtos independentes em hexâmetros, compostos entre 42 e 37 a.C. e publicados neste último ano. As *Éclogas* II, III, V e talvez VIII, parecem ser as primeiras cronologicamente. Todas elas são imitações de idílios de Teócritos (...). São altamente convencionais quanto às suas características, pois a vida dos pastores italianos naquela época devia assemelhar-se muito pouco à descrita por Virgílio. (...) A Quarta *Écloga* foi escrita em 40 a.C., ano do consulado de Asínio Pólio e não apresenta qualquer imitação de Teócritos. O poeta dirige-se a Pólio e prediz o retorno, sob sua direção, de uma Idade de Ouro: uma criança recém-nascida governará um mundo pacificado com as virtudes de seu pai. (...)” pp. 177-178.

2 Assim informa o *Dicionário Oxford* (...): "ligado a Catulo em sua juventude, partidário de Cesar na Guerra Civil e mais tarde de Marco Antonio, de quem foi legado na Galia Transpadana., Asínio foi cônsul em 40 a.C. e obteve uma procissão triunfal por sua vitória sobre uma tribo ilíria em 39 a.C.. Ele foi o primeiro a reconhecer o gênio de Virgílio, e veio em seu auxílio quando a propriedade rural do poeta, perto de Mântua, foi confiscada após a batalha de Filípoi. Virgílio celebrou-o em sua "*Éclogas*" (IV e VIII).

seu leitor virtual, e para tanto o poeta inicia o texto pedindo às musas a grandiloquência que deseja dar ao poema:

O Musa da Sicília, erga-se um pouco o nosso tom:  
nem todos prezam o arvoredo e os baixos tamarizes;  
cantamos selvas; selvas sejam, pois, dignas de um cônsul.<sup>3</sup>

O verso seguinte introduz (à guisa de proposição?) o que será desenvolvido ao longo do poema, i.e., "a predição de Cumas". (O tradutor levanta dúvidas: Cumaei seria de Cumas ou de Cyme? No primeiro caso remete à Sibila de Cumas, que "proclama que na consumação de todos os séculos eles retomarão seu curso"; no segundo, alusão a *Os trabalhos e os dias*, poema de Hesíodo em que há descrição das idades da raça humana: de ouro, de prata, de bronze, dos heróis, de ferro.

As duas referências não são conflitantes para o entendimento do texto, antes complementares: a Sibila remete à noção de um tempo cíclico e não linear (o tempo do mito, portanto), noção presente no poema, e confere valor oracular ao dito pelo poeta; a segunda hipótese diz respeito à fonte do assunto, as idades do homem, sendo que a de ouro e a de ferro constituem a matéria da predição que confere à *Écloga* um tom messiânico que eu ousaria qualificar de ambíguo/polissêmico<sup>4</sup>. Embora outros poetas tenham escrito sobre as idades do homem, Hesíodo me parece uma boa fonte de inspiração para Virgílio. Posteriormente voltarei a esse ponto; por ora vejamos o texto.

Após a invocação das musas (vv. 1-3), o poeta anuncia a Pólio a profecia da volta da idade de ouro, paradisíaca (vv. 4-17); há retorno e há novidades: "já volta a Virgem, volta o reino de Saturno", mas "uma nova progênie desce dos mais altos céus": um menino "está nascendo". Sob o poder do cônsul começarão os novos tempos, ainda com marcas da idade de ferro: "nosso crime (que) deixou traços" não valerá porque "de um terror perpétuo livrar-se-ão todas as terras".

Em seguida dirige-se ao menino e narra como será sua infância (quando a natureza reflorescerá, vv. 18-25); sua adolescência (quando a

3 Faço uso da tradução das *Bucólicas* de Péricles Eugênio da Silva Ramos.

4 Estudiosos do mito das cinco raças aceitam que Hesíodo foi sua fonte única para os outros gregos e para os romanos, que também modificaram e adaptaram o esquema inicial do mito que teria se originado na Mesopotâmia, daí se espalhando entre persas, hindus, judeus e gregos. Cf. Mary Lafer in HESÍODO, 1991, p. 79.

natureza produzirá frutos, vv. 26-36) e sua virilidade (quando se gozará de completa paz, vv. 37-45).

"Fiai séculos tais - disseram as Parcas aos seus fusos,/ concordes com o poder inalterável dos destinos", sentencia na seqüência (vv. 46-47), para novamente dirigir-se a Pólio, identificando-o como "prole dos deuses", "grande filho de Júpiter"<sup>5</sup>, exortando-o a conferir a veracidade de suas (dele, poeta) palavras (vv.48-52). Deseja ter vida longa e alento para poder dizer dos feitos de Pólio nesse novo e alegre tempo; sua arte não seria vencida por ninguém, nem por Orfeu, Lino ou Pã (vv.52-59).

A éþloga termina com o poeta dirigindo-se novamente ao menino, aconselhando-o a conhecer e rir para a mãe, sob pena de não ter a mesa de um deus e o leito de uma deusa (vv.60-63).

Ao leitor contemporâneo que pouco conhece das circunstâncias que teriam levado a Virgílio a dedicar a éþloga (com tal conteúdo) a Pólio (com tais qualidades), chama atenção o tom hiperbólico (mais condizente à epopéia) que o poema adquire ao se comparar a abrangência cósmica da profecia da volta da idade de ouro com a figura histórica do cônsul, em que pesem seus feitos bélicos e/ou poéticos, além da admiração mútua que é possível pressupor.

No entanto, parece-me que Pólio tem as virtudes necessárias para receber (na qualidade de leitor) a revelação; o canto é digno do cônsul e vice-versa. Pólio viverá a era auspiciosa que começa, estará no poder, como cônsul, e precisará ser conforme os novos tempos. A mudança, que se operará lentamente ao longo dos séculos, está metaforizada na figura do menino<sup>6</sup> que cresce, assim como na natureza que também tem seu ciclo vital respeitado. O menino (assim como Pólio), é bom frisar, não é agente das mudanças, mas sim será contemporâneo a elas.

A matéria da profecia, a idéia do fim da idade de Ferro e do retorno da Idade de Ouro remetem a Hesíodo como sendo a fonte grega primeira do mito, como dito anteriormente.

"As Cinco Raças" fazem parte de *Os trabalhos e os dias* (vv.106-

5 Segundo o *Dicionário Oxford...*: "(...) Júpiter aparece como protetor em batalhas, o deus que faz parar a retirada (Júpiter Stator) e o propiciador da vitória. Na paz ele é associado à *moralidade pública e à justiça* (grifo meu). Parece-me ser este o sentido da associação de Pólio com o deus. A idéia de justiça parece ser ainda mais importante do que aquelas relacionadas com a guerra, por causa da idade de ouro, tempo de justiça por excelência, como se verá adiante.

6 Há especulações em torno da identidade real do menino; afirma-se que seja filho de Pólio ou de Augusto. Sua "realidade" exageraria ainda mais o já aludido contraste com o alcance da profecia. Embora haja referências ao pai do menino (vv. 17 e 26) e à mãe e sua gravidez (vv. 60-62), não parece descabido associá-lo tão somente com o tempo anunciado.

201), poema em que Hesíodo<sup>7</sup> "reivindica uma prática jurídica inspirada na Justiça de Zeus para o seu caso e, conseqüentemente, também para seus contemporâneos."<sup>8</sup>

O mito das Cinco Raças pressupõe um tempo cíclico: Hesíodo ao lamentar-se de ser homem da quinta raça deixa isso claro: "mais cedo tivesse morrido ou nascido depois." Virgílio também trabalha com essa noção, como foi visto, mas otimicamente, utopicamente.

A Raça de Ouro (vv. 106-126) vive no tempo em que reinava Crono (Saturno); os homens "como deuses viviam, tendo despreocupado coração, / apartados longe de penas e misérias; / nem temível velhice lhes pesava (...)" ; havia abundância de alimentos e predominava a Justiça (Díke). Sucedem-se as Raças de Prata (vv. 126-142); de Bronze (vv. 156-173), que apresentam uma gradual decadência que se acentua com relação à "Idade de Ouro" e com o predomínio do Excesso (Hybris); segue-se a Idade dos Heróis (vv. 156-173), que eram semideuses e que, depois de mortos, mereceram ser confinados na "Ilha dos Bem-Aventurados, junto ao oceano profundo, / heróis afortunados, a quem doce fruto/traz três vezes ao ano a terra nutriz." Vem então a Raça de ferro, à qual o poeta abomina pertencer. Nesta raça o tempo de vida é curto, não há respeito nem amor mútuo entre os homens, nem mesmo entre familiares: "e nem irmão a irmão caro será, como já havia sido; / vão desonrar os pais tão logo estes envelheçam / e vão censurá-los, como duras palavras insultando-os; aos homens "a inveja acompanhará, / ela, malsonante, malevolente, maliciosa ao olhar", os deuses voltam ao Olimpo: "Contra o mal força não haverá!" No entanto, o poeta frisa que "a esses males bens estarão misturados". Mary Lafer comenta que a complexidade da Idade de Ferro consiste justamente nessa coexistência da Justiça com o Excesso, obrigando o homem a discernir, a ser justo, ou fazer prevalecer a Justiça. A mensagem para Perses é esta: sê justo. (Na seqüência das Cinco Raças, há um segmento intitulado Justiça onde Hesíodo exorta o irmão nominalmente: "Tu, ó Perses, escuta a Justiça e o Excesso não amplies!" (v. 213)). Igualmente aqui as circunstâncias propiciadoras do

7 Segundo o *Dicionário Oxford...*, Hesíodo, autor também da *Teogonia*, "aparentemente escreveu suas obras após a composição dos poemas homéricos, mas não muito mais tarde - talvez no séc. VII a.C. (...) Por ocasião da morte do pai a propriedade foi dividida entre Hesíodo e seu irmão Perses; este último reivindicou uma parte maior, seguindo-se uma disputa na qual Perses subornou-os em seu benefício. (...) A originalidade de Hesíodo consiste no fato de ele ter sido o primeiro poeta grego a procurar seu assunto em fontes alheias ao mito e à fantasia. Ao contrário, ele incorporou a *Os trabalhos...* máximas de ordem ética e conselhos práticos derivados de sua própria experiência, adaptando-a à vida de um camponês. (...)", p. 271. Mary Lafer, op. cit., p. 17, acrescenta ainda que "é ele, porém, quem inicia, na Grécia, o rico filão dos poetas que cantam em primeira pessoa."

8 Mary Lafer, op. cit., p. 16.

discurso contrastam com a grandeza da ordem temporal que é aludida para justificar o "mal presente".

Quando há Justiça, há abundância, quando há Excesso, há falta. Hesíodo é compelido a produzir seu texto pela falta causada pela atitude de Perses. Virgílio é compelido a produzir o seu texto diante da retidão da figura de Pólio que, ao contrário de Perses, prenuncia a abundância da Justiça.

Na Écloga, embora anunciada a Idade de Ouro, ainda há delitos antigos

que farão afrontar os mares e cingir de muros  
as cidades, ou abrir na terra os sulcos da lavoura.  
Existirão, para levar heróis dos mais seletos,  
outro Tifis e outra Argo; e existirão mais outras guerras,  
e um grande Aquiles outra vez será mandado a Tróia.

Estabelece-se analogia com a Idade dos Heróis, quando a terra é fecunda e é a raça divina

de homens heróis e semideuses (...).  
A estes a guerra má e o grito terrível da tribo  
a uns (...) fizeram perecer pelos rebanhos de Édipo combatendo,  
e a outros, embarcados para além do grande mar abissal  
a Tróia levaram por causa de Helena de belos cabelos.

Essa passagem encontra-se no segmento em que o poeta dirige-se ao menino prevendo sua adolescência, quando a natureza frutificará, depois que o menino conhecer "as proezas dos heróis" (poesia), os "feitos de seu pai" (história) e puder "discernir o que a virtude seja" (filosofia).

Tal como a adolescência é a passagem da infância para a virilidade, a Idade dos Heróis fica intermediária entre a presença protetora dos deuses e sua ausência absoluta<sup>9</sup>.

É um tempo de Excessos, mas de heróis e semideuses corajosos.

É interessante notar que ambos os textos se referem à Tróia, sendo que a Écloga permite que se pense não só na História, mas também na epopéia homérica, pois há referência à leitura de proezas de heróis e feitos paternos (passados, porque narrados).

<sup>9</sup> Astréia, a Virgem que volta na Idade de Ouro, é Justiça, filha de Júpiter e de Têmis; é a última divindade a deixar a Terra quando o Excesso da Idade de Ferro fica insuportável; ela é transformada na constelação de Virgem.

### 3.OS LUSÍADAS - HISTÓRIA E MITO

E, enquanto eu estes canto, e a vós não posso,  
 Sublime Rei, que não me atrevo a tanto,  
 Tomai as rédeas vós do Reino vosso:  
 Dareis matéria a nunca ouvido canto.

(...)

Em vós se vem, da Olímpica morada,  
 Dos dous avós as almas cá famosas;

(...)

Em vós esperam ver-se renovada  
 Sua memória e obras valerosas;  
 E lá vos tem lugar, no fim da idade,  
 No templo da suprema Eternidade.

Mas, enquanto esse tempo passa lento  
 De regerdes os povos que o desejam,  
 Dai vós favor ao nosso atrevimento,  
 Pera que este meus versos vossos sejam;

(...)

E costumai-vos já a ser invocado.

CAMÕES, *Os Lusíadas*, I, 15-18.

Tal como Virgílio e Hesíodo, Camões nomeia o destinatário de seu canto, o rei D. Sebastião, seu leitor virtual, assim como Pólio e Perses o são dos outros dois textos.

Não é minha intenção comparar exaustivamente pequenos detalhes como esse, mas sim as linhas gerais da Écloga IV que podem ser encontradas n' *Os Lusíadas*. No entanto, a figura do rei é importante, não pelo seu paralelismo com os textos aqui estudados, mas porque ele representa o Portugal do presente do poema, assim como os demais leitores. A ótica do presente da escrita do poema é antes de mais nada crítica e se dá a ler no texto camoniano nas intervenções do poeta, o que "coloca todo poema numa perspectiva crítica" como bem observa Helder Macedo.<sup>10</sup> (Tal perspectiva inexistente na Écloga IV que apenas celebra, como já observado; o futuro utópico, risonho, igualmente será celebrado: o poeta quer viver muitos anos para fazê-lo de forma sublime).

O rei, tal como o menino da Écloga ("tenro e novo ramo florescente, / De hua árvore, de Cristo mais amada") não é agente da história que lerá, mas como Pólio, tem poder e deverá ser agente do destino da Pátria. O

<sup>10</sup> MACEDO, Helder, 1982, p. 61.

passado, desde a pré-história de Portugal, é dado a ler ao Rei, exemplarmente; mas os fatos e os feitos nem sempre valem por si, demandando o juízo do poeta.

Aliás, a escolha dos fatos e dos feitos narrados em nenhum momento é arbitrária; todo o poema se estrutura em função de uma filosofia da História e do Amor, em que fatos e feitos adquirem uma abrangência cósmica. Jorge de Sena no seu estudo "A estrutura de *Os Lusíadas*" (SENA, 1980) demonstra essa afirmação exaustivamente.

Esses três elementos - o Rei adolescente, o poeta que "aconselha" (sempre dentro de uma perspectiva crítica) e a extrapolação do factual da História - fazem com que a éþica camonianiana se aproxime da Écloga IV contrastivamente.

Enquanto o texto virgiliano prediz as maravilhas da Idade de Ouro, o poeta d' *Os Lusíadas* está às voltas com a Idade de Ferro em que o homem, "esse bicho da terra tão pequeno", convive com a ambigüidade do Excesso e da Justiça. O prêmio da empresa levada a cabo a contento dentro de uma determinada ética - a parada na Ilha dos Amores - apontaria para a Idade de Ouro: natureza nutriz e a convivência de deuses e homens;<sup>11</sup> como bem observa Jorge de Sena, a Ilha é restabelecimento da Harmonia, é a recolocação do Amor como centro da Harmonia do Mundo. Há que se atentar que Camões trabalha com essas duas noções assim nomeadas apenas no episódio do Velho do Restelo, mas a analogia se faz presente em outras passagens do poema.

Ao longo dos cantos nos deparamos com fatos e feitos que exemplificam o Excesso e suas contrapartidas que tanto podem ser sua transformação em Justiça, suas más conseqüências, ou ainda a indignação melancólica do poeta.

A empresa da Viagem ao Oriente, matéria éþica d' *Os Lusíadas*, é melhor exemplo do Excesso; o enfrentamento do mar é o grande atrevimento<sup>12</sup> dos portugueses, provocando o Consílio dos Deuses que se dividem em

11 "Uma análise exaustiva do episódio da Ilha apontaria outros elementos da Idade de Ouro assim como propiciaria a analogia como mito biblióico da Queda/Redenção; penso aqui especialmente na revelação feita por Tétis ao Gama que passa a *saber* o que os deuses sabem.

12 No texto de Hesíodo há referência aos "embarcados para além do mar abissal" e se encontra na Idade dos Heróis; Virgílio diz que "quando então, já firmada a idade te fizer um homem, / o navegante deixará o mar, e o pinho náutico / as trocas do comércio (grifo meu). Ovídio (43 a.C.-18 d.C), que n' *As metamorfoses* também fala das Quatro Idades, diz que na Primeira, a de Ouro, "O pinheiro cortado na montanha ainda não descera até o mar para ir a páises afastados, e os mortais não conheciam outros litorais além do seu." (OVÍDIO, 1983, p. 13) Na Quarta Idade, a de Ferro, "Os navegantes lançavam as velas aos ventos, sem bem conhecê-los ainda; e aquelas árvores que por tanto tempo se ergueram nos altos montes arrostaram, como navios, os mares desconhecidos." (p. 14) Cito

prós e contras; Vênus, protetora dos lusitanos, representa o erotismo espiritualmente regenerador, enquanto Baco, seu oponente, é o Excesso: invejoso, "malsonante, malevolente, malicioso ao olhar", parafraseando Hesíodo.<sup>13</sup>

Os sete episódios a que se refere Jorge de Sena - Salado, Inês de Castro, Aljubarrota, Velho do Restelo, Adamastor, Doze de Inglaterra e São Tomé - que interessam à projeção ética do poema, também exemplificam essa tensão entre Excesso e Justiça. Sena observa que os episódios estão distribuídos na narrativa "antes da chegada à Índia, enquanto a narrativa é uma Demanda (...) e vêm a consubstanciar-se no imenso episódio da Ilha dos Amores, que, por sua vez contém o de São Tomé"; os episódios são a "história dentro da história", os momentos significativos do pensamento do poeta em função da arquitetura do poema.

A Batalha de Salado é guerra santa contra os infiéis (o Excesso da guerra se justifica na Justiça da luta da fé); Inês de Castro é a tragédia que impende sobre a paixão terrena, o baixo amor, consubstanciação erótica e individual do Amor, que será superada no Canto X; Aljubarrota é a vitória militar do puro patriotismo, no momento que Portugal se organiza como Nação e é paralela à Batalha de Salado; o Velho do Restelo é a crítica do Excesso da empresa da Viagem - a cobiça, os perigos a que se sujeitam os empreendedores, que encontra paralelo no episódio de Adamastor, que representa a Natureza desconhecida sendo vencida pelos homens (sem falar na história do próprio Adamastor, transformado em promontório como castigo do seu Excesso, a paixão (o apetite = baixo amor) pela deusa.); os Doze de Inglaterra é o puro heroísmo cavaleiresco, cujo código de honra não permite o Excesso, pelo contrário, é o exercício do controle do apetite, seja bélico, seja erótico; São Tomé é o sentido do apostolado e do martírio "que deve coroar todo proselitismo humano que é a História de Portugal feita História do Mundo, e feita Amor (...). Os episódios todos (...) representam, dentro do poema, os motivos condutores do pensamento camonianiano para a Épica: são os pilares significativos de sua Filosofia da História, que o poema, dialeticamente, assimila a uma Metafísica - e esta é vivida e supravivida na Ilha dos Amores" (SENA, 1980, pp. 78-79).

Cumprido destacar o episódio do Velho do Restelo (IV. 94-104), onde é feita referência explícita às idades do homem, como foi dito acima. A fala

Ovídio por ser ele fonte de leitura de Camões.

<sup>13</sup> Cf. MACEDO, 1980, desenvolve análise sobre a regeneração do baixo amor em alto amor, não só na épica, como na lírica.

do “velho d’aspeito venerando” começa com uma apóstrofe à fama<sup>14</sup>, causadora de castigos e justiça, figura bastante ambígua: “Chamam-te fama e glória soberana, / Nomes com quem se o povo néscio engana!”:

(...)  
A que novos desastres determinas  
De levar estes reinos, e esta gente?  
Que perigo, que mortes lhes destinas  
Debaixo de algum nome preeminente?  
Que promessas de reinos e de minas  
De ouro, que lhe farás tão facilmente?  
Que famas lhe prometerás? que histórias?  
Que triunfos? que palmas? que vitórias?”  
(...)

A seguir apostrofa a descendência de Adão que

(...)  
Da quieta e simples inocência,  
Idade d’outo tanto te privou,  
Que na de ferro e d’armas te deitou:  
(...)  
O maldito o primeiro que no mundo  
Nas ondas velas pôs em seco lenho!  
Dino da eterna pena do profundo,  
Se é justa a justa lei que sigo e tenho  
Nunca juízo algum alto e profundo,  
Nem cítara sonora ou vivo engenho,  
Te dê por isso fama nem memória;  
Mas contigo se acabe o nome e glória!

Seguem-se as duas estâncias finais da fala do Velho e do Canto IV, onde há referências aos excessos praticados por Prometeu, talvez o melhor exemplo de cometimento do Excesso e suas conseqüências, e também exemplo para outros Excesso como o de Factonte e Dédalo, o que leva o Velho a concluir pessimistamente:

<sup>14</sup> Segundo ALVES, 1971, a palavra fama aparece 74 vezes ao longo do poema, significando celebridade, divindade, notícia, honra. Cita o Autor: “A Fama percorre todas as cidades da Líbia; é a maior de todas as calamidades. Alimenta-se do movimento e voando adquire novas forças. Pequena a princípio devido ao medo, bem depressa se eleva nos ares, penetra e esconde a cabeça entre as nuvens. Tem por mãe a Terra, que, irritada com a ira dos deuses, é a última irmã do Céu e Encélado, com agilidade de pés e rapidez de asas. Monstro medonho, enorme que tem tantos olhos vigilante e tantas línguas, tantas bocas e ouvidos, quantas são as penas de seu corpo... Sermeia o terror nas grandes cidades e é mensageira da mentira, do erro e da verdade. Deleita-se, então, a inundar os povos de mil rumores, misturando o verdadeiro e o falso.” (*Eneida* - VI, 174-190) p. 98.

(...)  
 Nenhum cometimento alto e nefando,  
 Por fogo, ferro, água, calma e frio,  
 Deixa intentado a humana geração;  
 Miserá sorte! estranha condição!

O episódio do Velho do Restelo é bastante rico e tem merecido inúmeras interpretações por conta de sua posição "anti-epopéia", digamos assim, pois se coloca contra a empresa ultramarina, encarada por ele como um grande Excesso, e igualmente contra sua memória a ser cantada por "citara sonora ou vivo engenho". Há aqui interessante sincretismo das mitologias pagã e hebraica que permite a leitura da empresa das navegações com Excesso ou como fruto do pecado original - algo condenável de qualquer maneira ("Se é a justa lei que sigo e tenho"). Estrategicamente colocado no fim do Canto IV, segue-se o Canto V, metade do poema, em que acontece o clímax da viagem, i.e., a passagem do Cabo das Tormentas, simbolizado pelo episódio de Adamastor.

Igualmente mereceria destacar, no Canto IX, a passagem que vai da estância 25 à 29, em que Vênus sai à procura do filho Cupido que "estava então/ Ajuntando outros muitos, que pretende /Fazer uma famosa expedição/ Contra o mundo rebelde, porque emende / Erros grandes (...)". As estâncias descrevem o desconcerto a ser consertado por Cupido nessa missão ao mesmo tempo cósmica e identificável com o momento vivido por Portugal contemporâneo da viagem e daquele da leitura do poema, i.e., de D. Sebastião. São descritos "excessos" a serem neutralizados pelo Amor que valeriam a pena ser analisados em conjunto com os episódios já aludidos e principalmente com o da Ilha dos Amores, a seguir no Canto IX.

#### 4. À GUIA DE CONCLUSÃO

O final d'*Os Lusíadas*, o melancólico excuro do poeta que novamente se dirige ao Rei - Senhor só de excelentes vassallos - é um pedido de Justiça e uma celebração da experiência (sua, do poeta):

Favorecei-os logo, e alegrai-os  
 Com a presença e lida humanidade;  
 De rigorosas leis desaliviai-os,  
 Que assi se abre o caminho à santidade.

Os mais esprimentados levantai-os,  
Se, com a experiênciã, tem bondade  
Pera vosso conselho, pois que sabem  
O como, o quando, e onde as cousas cabem.

Todos favorecei em seus ofícios,  
Segundo tem das vidas o talento:  
(...)  
Tomai conselho só de experimentados,  
Que viram largos anos, largos meses,  
Que posto que em cientes muito cabe,  
Mais em particular o esperto sabe.  
(...)

Mas eu que falo, humilde baxo e rudo,  
De vós não conhecido nem senhado?  
Da boca dos pequenos sei, contudo,  
Que o louvor sai às vezes acabado.  
Nem me falta na vida honesto estudo,  
Com longa experiênciã misturado,  
Nem engenho, que aqui verei presente,  
Cousas que juntas se acham raramente.

Mais do que já dissera ao longo do poema não haveria; o poema funcionaria para o Rei como Máquina do Mundo para o Gama, como uma revelação.

Homem de um tempo moderno, Camões sabia como ninguém das ambigüidades do Excesso e da Justiça e da crença da regeneração de uma outra, assim como da necessidade de dizê-lo.

## RESUMO

A leitura da Écloga IV, de Virgílio, ilumina *Os Lusíadas*, de Camões, A partir da contaminação dos gêneros épico e lírico e de pontos de contato intertextuais, pode-se reinterpretar a épica camoniana.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Manuel dos Santos. *Dicionário de Os Lusíadas*. Lisboa: Parreira. A.M. Pereira Ltda., 1971. 200p.
- CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*. (org) Emanuel Paulo Ramos. Porto: Porto Editora, 1982. 642p.
- GUIMARÃES, Ruth. *Dicionário de mitologia grega*. São Paulo: Cultrix/MEC, 1972. 319p.
- HESÍODO. *Os trabalhos e os dias* (Primeira parte). (Intr. trad. e comentários de Mary de Camargo Neves Lafer.) São Paulo: Iluminuras, 1991. 103p.
- MACEDO, Helder. O braço e a mente. O poeta como herói n'Os Lusíadas. p.61-72. *Arquivos do Centro Cultural Português*. Paris: Foudation Calouste Gulbenkian, 1980. v. xv.
- MARVEY, Paul. *Dicionário Oxford de literatura clássica grega e latina*. (trad. Mário de Gama Kury.) Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987. 520p.
- LOURENÇO, Eduardo. *Poesia e metafísica*. Camões, Antero, Pessoa, Lisboa: Sá da Costa, 1983. 261p.
- OUVÍDIO. *As metamorfoses*. (trad. David Jardim Jr.) Rio de Janeiro: Ediouro, 1983. 297p. (Universidade de Bolso, 90278).
- ROCHA, André. Uma contradição fundamental d'Os Lusíadas. p.119-126. *Arquivos do Centro Cultural Português*. Paris: Foudation Calouste Gulbenkian, 1980. v. xv.
- SENA, Jorge de. *A estrutura de Os Lusíadas e outros estudos camonianos e de poesia peninsular do século XVI*. Lisboa: Edições 70, 1980. 315p.
- SISSA, Giulia ; DETIENNE, Marcel. *Os deuses gregos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. 315p.
- SPALDING, Tarsilo Orpheu. *Dicionário da mitologia latina*. São Paulo: Cultrix/MEC, 1972. 166p.
- VIRGILIO. *Bucólicas*. (trad. e notas Péricles Eugênio da Silva Ramos.) São Paulo: Melhoramentos / Editora da UnB, 1982. 169p.